

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Amélia Junqueira Andrade de Carvalho

**ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
práticas interdisciplinares e multiculturais**

Belo Horizonte

2020

Amélia Junqueira Andrade de Carvalho

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
práticas interdisciplinares e multiculturais

Monografia apresentada Programa de Pós-graduação em Artes – PPGArtes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Rodrigo Borges Coelho

Belo Horizonte

2020

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707
C331a
2020

Carvalho, Amélia Junqueira Andrade de, 1962-
Artes visuais na educação escolar [recurso eletrônico] : práticas
interdisciplinares e multiculturais / Amélia Junqueira Andrade de Carvalho.
– 2020.
1 recurso online (41 p. : il.)

Orientador: Rodrigo Borges Coelho.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas
Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para
a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e
Tecnologias Contemporâneas.
Inclui bibliografia.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte e educação. I. Coelho, Rodrigo Borges,
1974- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
Título.

Nome: Amelia Junqueira Andrade de Carvalho

ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: práticas interdisciplinares e multiculturais.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA**.



Professor **Rodrigo Borges Coelho** – Orientador - CEEAV/ EBA/ UFMG



Professora **Rosvita Kolb Bernardes** – CEEAV/ EBA/ UFMG - Membro da Banca Examinadora



Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG-Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de junho de 2020.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu marido e meus filhos que estão sempre torcendo por mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Rodrigo Coelho pela atenção, disposição e correções.

Agradeço a Ana Paula da Silva por toda ajuda.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo explicitar a relevância do ensino das Artes Visuais na Educação Básica. Através de três vertentes – a interdisciplinaridade, visitas a museus e o trabalho com outras culturas – apresenta possibilidades de práticas artísticas na educação escolar e a abrangência que podem alcançar. O ensino de Artes Visuais na educação básica passou por um longo processo até se estabelecer como área de conhecimento e consequentemente ser aceita como uma disciplina no currículo escolar. As três vertentes demonstram as mudanças de postura necessárias para o trabalho com arte na educação escolar e as perspectivas e possibilidades vislumbradas pela autora, na busca de atender e realizar um trabalho amplo favorecendo a formação do ser humano.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Visitas a museus. Diversidade cultural.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate the relevance of teaching Visual Arts in Basic Education. Through three strands - interdisciplinarity, visits to museums, and working with other cultures - it presents possibilities for artistic practices in school education and the scope they can reach. The teaching of Visual Arts in basic education went through a lengthy process until it was established as an area of knowledge and consequently accepted as a discipline in the school curriculum. The three strands show the changes in posture necessary for working with art in school education and the perspectives and possibilities envisioned by the author, in the search to attend and carry out a broad work favouring the formation of the human being.

Keywords: Interdisciplinarity. Visits to museums. Cultural diversity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Confeccionando o cenário – 2008	16
Fotografia 2 – Espetáculo “Emergência” – 2008	16
Fotografia 3 – Aquarela Rubens Matuck – Árvore amarela	18
Fotografia 4 – Caderno Rubens Matuck ao Parque Villa Lobos	18
Fotografia 6 – Ilustrações para o jogo Trunfo – 2010	20
Fotografia 7 – Trabalho de escultura com jornal – 2010	20
Fotografia 10 – Criando como Krajcberg – 2007	22
Fotografia 14 – Exposição Athos Bulcão – 2018	26
Fotografia 15 – Recordando a visita	27
Fotografia 16 – Confeccionando a flor	27
Fotografia 17 – Pintando a flor	28
Fotografia 18 – Trabalho final	28
Fotografia 19 – Peças de argila – trabalhos de alunos – 2009	29
Fotografia 20 – Esculturas de sabão – trabalhos de alunos – 2009	30
Fotografia 21 – Peças de argila – 2012	33
Fotografia 22 – Lápis aquarela sobre pelé – trabalhos de alunos – 2012	34
Fotografia 23 – Acrílica sobre papel panamá – 2013	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE	14
3	VISITAS A MUSEUS: CONHECENDO NOVOS ARTISTAS	24
4	APRENDENDO COM OUTRAS CULTURAS E SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

As Artes Visuais na escola básica têm como função, entre outras, mostrar a variedade de formas presentes no mundo favorecendo assim, por parte do aluno, sua leitura. Fanon *apud* Barbosa (2012, p. 18) afirma: “[...] a Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente, nem estrangeiro no seu próprio país.”

Na definição da Arte, pode-se focar no aspecto estético, nos problemas sociais e/ou na expressão do pensar de forma crítica usando imagens. Seja por um ou mais aspectos, concordamos com Azevedo Júnior quando este afirma que,

Arte é conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação (AZEVEDO JÚNIOR, 2007 *apud* FERREIRA; OLIVEIRA, 2020, p. 1).

Favorecer que a criança inicie sua compreensão de mundo ensinando-a a ver, a analisar, a observar e a investigar é favorecer que ela, aos poucos, seja capaz de ampliar sua capacidade de ver o mundo. Já para Auroca (2012, p. 9), “De nada adianta voltar os olhos para a cidade, para o cotidiano multifacetado, se os olhos não enxergam, se o poder de percepção não estabelece conexões, se os ouvidos não ouvem, se a mente não seleciona e organiza.”

Rossi (2009) vai mais além ao refletir sobre o que a leitura, em todas as suas formas é, mas, principalmente, sobre o que ela não é:

Podemos ler mapas, diagramas, relógios, raios X, notas musicais e passos de dança. A leitura abarcaria também o metafórico e o abstrato, como por exemplo: mãos, rostos, céu, mar, estrelas, clima e até intenções. Poderíamos acrescentar à lista do autor as obras de arte, sem nenhum constrangimento, pois há algo em comum em todas essas leituras. Há em comum as coisas que a leitura não é: a simples decodificação de signos, a busca do entendimento do pensamento do autor, a extração de informação do texto, a busca por cultura ou erudição, por exemplo (ROSSI, 2009, p.18).

Continua Rossi:

Ler é fazer implicitamente perguntas ao texto. Mesmo quando não nos damos conta de que estamos interpretando um texto, estamos lhe perguntando algo. Compreender um texto é ter as perguntas respondidas por ele. Fazemos perguntas ao mundo, pois o ser humano tem necessidade de interpretar tudo, desde a mais tenra idade. “Ler é produzir sentido” (Martins, Picosque e Guerra, 1998, p.74). E, complementando este pensamento, pode-se dizer que

“não há sentido sem interpretação” (Orlandi, 1996, p.21) (ROSSI, 2009, p.18).

Na relação da criança com a arte, um dos objetivos é valorizar as relações entre as pessoas e a integração entre o conhecimento e as experiências de vida. No ensino de Artes Visuais isso é propiciado através de ações como: conhecer obras de arte, saber sobre a vida de alguns artistas, visitar exposições, conhecer formas diferentes de ver e pensar o mundo, fazer uso desse meio de expressão e aprender técnicas. Tudo isso faz parte das experiências que a criança pode ter com as Artes Visuais e que contribuem para que ela seja capaz de desenvolver o seu comunicar e interpretar as imagens presentes em seu meio ambiente, sejam elas do universo da arte ou não.¹

As competências, conhecimentos e habilidades que o ensino das Artes Visuais propicia são inerentes a ela. O ato criativo e a capacidade de expressar o pensamento e o sentimento através de manifestações artísticas desenvolvem e ampliam a forma de pensar e sentir o mundo, qualificam nossa participação dentro dele. As experiências e práticas pedagógicas ligadas às Artes Visuais criam oportunidades de um trabalho docente que favoreça a interação da criança com ela mesma, com o semelhante, com as várias épocas e com questões ligadas ao meio ambiente. Vividas em um ambiente adequado de afeto, respeito e confiança, essas experiências e práticas podem permitir que as crianças lidem com situações em que nem sempre as palavras são capazes de descrever os estados mentais e sensíveis. O trabalho realizado pela criança pode falar por si só. Ferraz e Fusari (2010) discorrem sobre a possibilidade de apropriação da Arte por todos:

[...] a disciplina Arte deverá garantir que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, artes audiovisuais. Para isso é preciso que o professor organize um trabalho consistente, através de atividades artísticas, estéticas e de um programa de Teoria e História da Arte, inter-relacionados com a sociedade em que eles vivem. Entendemos que é possível atingir-se um conhecimento mais amplo e profundo da arte, incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os, refletindo, formando, transformando-os. É com essa abrangência que a arte deve ser apropriada por todos os estudantes, indiscriminadamente (FERRAZ; FUSARI, 2010, p.22).

¹ Ver (BRASIL, 2017, p.195).

Para atender essa forma de pensar, no ensino contemporâneo da arte é preciso usar metodologias diversificadas favorecendo a utilização de diferentes técnicas, materiais e recursos de diferentes culturas e favorecendo a percepção de formas diferentes de perceber e se expressar. A fim de exemplificar essas variantes, foram selecionados por mim alguns trabalhos que desenvolvi em sala de aula, entre os anos de 2007 e 2018.

Iniciei como professora de artes no início dos anos 1990 e minha formação ainda foi nos moldes do deixar fazer. Até meados dos anos 80 as aulas de artes eram inexistentes, ou era simplesmente entregar o material e deixar o aluno fazer livremente. Também era comum dar desenhos prontos para colorirem. Essas práticas, infelizmente, ainda sobrevivem em muitas escolas até os dias de hoje²; e essa havia sido a minha formação. Entretanto, essa prática não me satisfazia e deixava uma sensação de que eu não exercia plenamente a função de uma educadora. O contato com as novas ideias e propostas de ensino de arte foi um bálsamo na minha prática diária. A arte/educação passou a ser reconhecida na função de educar, de trazer conhecimento para a formação da criança e do jovem.

Buscando exemplificar como favorecer saberes dentro das Artes Visuais, esses trabalhos foram organizados em três temáticas a saber: interdisciplinaridade, visitas a museus e conhecimento de outras culturas.

Os três eixos acima possibilitaram, em minha compreensão, a aquisição pelas crianças de novas capacidades, habilidades e conhecimentos próprios da área e em conformidade com o que prescreve a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (BRASIL, 2017, p.193).

O capítulo 2 apresenta trabalhos de interdisciplinaridade conforme argumenta Richter

Os trabalhos interdisciplinares são, muitas vezes, realizados sob a forma de projetos. Trabalhar com artes de uma forma interdisciplinar tem se mostrado muito importante, especialmente para projetos em ecologia e meio ambiente. Não se trata de tomar as outras disciplinas e integrá-las às artes, nem colocar a Arte a serviço de outras disciplinas. Ivani Fazenda (1992, p.8) diz que a interdisciplinaridade é antes de tudo uma questão de atitude, “uma

² Ver capítulo I, Situações Históricas e Contextuais, em (BARBOSA, 1988, p.13).

atitude diferente a ser assumida frente ao problema do conhecimento”, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para unitária do ser humano (RICHTER, 2012, p.96).

Há poucos anos, levar crianças aos museus não fazia parte da rotina escolar, era um espaço basicamente dedicado aos adultos. Hoje, essa realidade mudou e tem-se a compreensão de sua importância para a aquisição de conhecimentos. Essa temática será desenvolvida no capítulo 3.

Os museus são espaços de memória e possibilitam o encontro da educação com a cultura. Além de serem locais de grande contribuição histórica, podem estabelecer diálogos diferenciados entre alunos e professores e diversificar as fontes de aprendizagem, já que contam com a interação de diversos atores, como especialistas, moradores, colecionadores, enfim, pessoas e obras que tenham a dizer sobre uma determinada cultura ou período histórico. Essas características também fazem dos museus locais de pesquisa e de cidadania (BASÍLIO; MOREIRA, 2014).

No capítulo 4, o trabalho com outras culturas será abordado. Conhecer outras culturas é ampliar a forma de ver o mundo e de se inserir nele. A BNCC traz inúmeros elementos sobre isso.

As Artes Visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços inventivos e expressivos, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2017, p.195).

Finalmente, no capítulo 5 teremos as considerações finais e a seguir as referências bibliográficas usadas na confecção do trabalho.

2 A ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE

As escolas de Ensino Básico, na contemporaneidade, têm buscado metodologias de ensino que favoreçam um ensino mais real, no qual os alunos possam ter uma visão mais ampliada e interdisciplinar de um mesmo assunto; um ensino menos fragmentado e não compartimentado em disciplinas estanques e pouco permeáveis.

A arte-educadora Ana Mae Barbosa (1988) sugere, para o ensino de Arte, uma prática de aprendizado interdisciplinar que visa

Integrar a colcha de retalhos de competências altamente desenvolvidas e de interesses diversificados e muitas vezes antagônicos. Esta integração é uma organização que tem lugar na mente do aluno, provocada pela forma como o conhecimento lhe é apresentado. O veículo mais adequado seria uma espécie de tessitura dos diferentes campos disciplinares através da busca da síntese (BARBOSA, 1988, p.71).

O ensino e a prática de Arte na escola básica podem propiciar a construção dessa tessitura possibilitando uma visão mais ampla dos outros conhecimentos curriculares. A Arte favorece o desenvolvimento e a construção de uma percepção de mundo mais apurado e o reconhecimento das transformações no meio social em que o aluno está inserido, propiciando o trabalho com temas transversais e polêmicos. Cada conteúdo guarda objetivos específicos relativos à formação da criança, mas o ensino interdisciplinar e especialmente aquele ativado pelo ensino da Arte amplia a abrangência dos conteúdos, sem risco da perda de integridade e sentido.

Japiassu (1976, p. 74) afirma que “a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um projeto específico das pesquisas” e Barbosa (1988, p.76) acrescenta: “ou da busca da resolução de um problema significante.” Para que isso ocorra, a disciplina de Arte pode e deve propiciar que o aluno vivencie as mais variadas técnicas e experimente pesquisar e descobrir outras tantas formas diferentes de se fazer algo.

A seguir, apresento três exemplos de trabalhos desenvolvidos nas aulas de Artes que são expressões de trabalhos interdisciplinares. No primeiro exemplo, uma turma encena uma peça teatral e todas as disciplinas são envolvidas. Os outros dois exemplos são projetos da escola nos quais todas as disciplinas trabalham de uma forma ou de outra sobre o mesmo tema. Nessa situação, o conteúdo de Artes

foi desenvolvido em conjunto com outras duas disciplinas, Geografia e Ciências, que detendo-se nos aspectos conceituais, buscam na parceria com as Artes Visuais formas criativas, plásticas e expressivas de apresentar, expor, ilustrar ou mostrar um determinado assunto.

Experiência 1 – Participando de uma peça teatral

Como professora de Artes Visuais não costumo trabalhar com o teatro especificamente, ou seja, o teatro com atores, apesar de trabalhar com outros teatros tipo o teatro sombra. Porém, participo junto com os meus alunos sempre que ocorre uma peça na escola por iniciativa de outros professores. Essa ligação acontece naturalmente, pois no teatro existem inúmeros aspectos plásticos que envolve às Artes Visuais. A iluminação, a maquiagem, figurino, adereço são elementos visuais, mas basicamente participamos da confecção do cenário nessas ocasiões.

No ano de 2008, a professora do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular da Região Centro-Sul de Belo Horizonte propôs para sua turma, alunos de 8 anos, a encenação de uma peça teatral, o espetáculo “Emergência”.

Passo a passo para a realização da peça:

1ºpasso: Escolher o tema que será representado.

2ºpasso: Fazer uma pesquisa detalhada sobre o tema, consultando livros, revistas e a internet.

3ºpasso: Fazer algumas adaptações no texto escolhido, transformando-o em um texto teatral.

Foi sugerido que a história escolhida seja escrita na forma de diálogo direto, isto é, cada personagem deve expressar diretamente suas falas.

- Os diálogos devem ter frases curtas e de fácil compreensão.
- É interessante a presença de um narrador, pois ele tem uma importante função, que é o anunciar os interlocutores e suas atitudes. É possível também eliminar o narrador e diluir as falas dele nas dos personagens.

4ºpasso: Distribuir as tarefas de coordenação, atuação, montagens do cenário e seleção do figurino.

- Buscar ajuda especializada, envolvendo pessoas ligadas a Artes, Música, Inglês, Ciências, Informática ...

5º passo: Organizar encontros para ensaiar a apresentação.

6º passo: Realizar ensaios gerais, incluindo figurinos e cenários, como se fosse a primeira apresentação pública.

7º passo: Marcar a data da apresentação.

- Confeccionar convites e distribuí-los.

8º passo: Apresentar a peça para o público.

Para a realização desse projeto foi solicitada a participação de todas as disciplinas. A disciplina de Artes Visuais ficou responsável pela montagem do cenário.

O primeiro passo foi conversarmos sobre o que compunha um cenário. A partir dessa primeira conversa ficou definido que o cenário da peça não deveria ser carregado de muitos elementos para não provocar uma “poluição” visual. Uma preocupação para o cenário seria que ele mostrasse onde ocorria a peça, mas que ele não roubasse a atenção do que ocorria ali, não se destacasse mais que os atores. Resolvido isso, fizemos então um esboço de um avião em sua parte interna. Medimos o espaço, o tamanho do palco e, na sala de Artes, desenhamos e pintamos as partes do cenário para, em um segundo momento, montarmos como em um “quebra-cabeça”, todas as partes no palco completando no local o que não foi possível pintar.

Fotografia 1 – Confeccionando o cenário – 2008



Fonte: ALMANAQUE QUERER, 2008, p. 66.

O espetáculo participou da 8ª edição do FETO (Festival Estudantil de Teatro) e o cenário criado pelos alunos durante as aulas de Artes Visuais foi premiado com o primeiro lugar. Para a apresentação durante o Festival, foi preciso realizar ajustes nos materiais utilizados na construção do cenário, tornando-o mais resistente do que o criado na escola. Para isso, transferimos o desenho para um Tecido Não Tecido (TNT) que foi confeccionado por uma costureira.

Um aluno relata sua impressão do trabalho:

Eu gostei muito do teatro. Nós conversamos sobre o papel de cada um. Montamos a cena. Tivemos a ajuda de todas as professoras: de sala, de Artes, de Música, de Inglês, de Ciências e de Informática. Treinamos bastante. Guardamos nossas falas e as dos colegas também. Conseguimos fazer o teatro e ainda envolvemos todas as matérias (ALMANAQUE QUERER SABER, 2008, p. 67).

Fotografia 2 – Espetáculo “Emergência” – 2008



Fonte: ALMANAQUE QUERER SABER, 2008, p. 66.

O fato de a disciplina de Artes Visuais participar de atividades propostas por outros professores pode, se bem conduzida, possibilitar que o aluno perceba como uma área pode estar inserida, participar e colaborar em uma outra área e/ou atividade que não a sua própria.

Experiência 2 – Aprendendo a defender a natureza com o estudo da obra de Rubens Matuck

Em 2010, uma escola onde eu ministrava aulas de Artes Visuais propôs um tema transversal – biodiversidade – a ser trabalhado por todas as disciplinas. Cada professor deveria trabalhar esse tema associando-o aos conteúdos definidos para a sua matéria de acordo com o ano curricular e a faixa etária.

A equipe de Artes da escola selecionou como objeto de estudo o trabalho do artista Rubens Matuck. Dois foram os motivos dessa escolha ter sido realizada pelas professoras sem a participação dos alunos: o tempo que demandaria a escolha com somente uma aula semanal e o atender o gosto das crianças por aulas práticas. A opção pela obra do artista Rubens Matuck se deu pelo seu comprometimento em pesquisar, pintar e divulgar animais e plantas que precisavam ser preservados. Paulista, da capital, Rubens Matuck formou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1977. É artista plástico, arquiteto, escritor e ilustrador de livros infantis.

O interesse pelo Brasil - meio físico, tipos humanos e modos de vida - se manifesta cedo e dá origem a uma série de viagens pelo país, que passam a constituir o eixo central dessa obra. A cada viagem, um caderno (mais de 80 no total), em que são registrados topografias, morfologias, ecossistemas, plantas e animais de todo tipo. Nos roteiros traçados, o artista-viajante, de forte vocação etnográfica, recolhe e classifica o que encontra: sementes, folhas de árvores, fotos, escritos, brinquedos populares etc. E, como um *bricoleur*, constrói suas obras com o auxílio de técnicas diversas: aquarela, pastel, lápis de cor, fotografia. Os escritos completam os registros plásticos. Nesse sentido, nota-se uma continuidade entre as produções visual e literária, realizadas de modo paralelo e complementar, além de fortemente comprometidas com a educação e com a defesa do meio ambiente. Não por acaso, o público infantil é alvo privilegiado do trabalho formador e engajado de Rubens Matuck (MATUCK, 2020).

O trabalho iniciou-se com a contação da história “Rubens, o semeador” de Ruth Rocha. O livro é uma homenagem da autora ao artista plástico. Ela conta a história do menino Rubens que se tornou um incansável plantador de árvores. Rubens Matuck é o ilustrador do livro no qual ele pinta lindas aquarelas de árvores brasileiras. O artista também foi apresentado aos alunos por vídeos e livros de sua autoria nos quais ele registra características de vários biomas brasileiros.

Fotografia 3 – Aquarela Rubens Matuck – Árvore amarela



Fonte: Rubens Matuck. Catálogo das artes.

Fotografia 4 – Caderno Rubens Matuck ao Parque Villa Lobos



Fonte: Rubens Matuck.

Por meio do contato com o trabalho e a pesquisa desse artista, os alunos puderam conhecer o que é um caderno de “artista-viajante” e, em seguida, foram estimulados a criarem também cada um o seu caderno de “artista-viajante”. Mas infelizmente não guardei registro desse material produzido pelos alunos. A opção por apresentar neste trabalho é para registro de possibilidades de trabalho.

Eles foram apresentados à história de luta de um artista por registrar animais que corriam o risco de serem extintos e que iniciou o plantio de árvores para dar

exemplo de preservação da natureza. Aprenderam como o artista registrava, em forma de desenhos e pinturas, animais, sementes e flores. Estudaram e praticaram a técnica da aquarela, muito utilizada pelo artista em suas viagens.

Em um segundo momento, os alunos ilustraram os estudos feitos em Ciências e Geografia. Na sala de Artes, pesquisamos as formas desses animais e a melhor técnica para ilustrá-los. Recordamos o artista Rubens Matuck e suas pesquisas da flora e fauna brasileira e em seguida criamos um jogo – tendo como modelo as regras e formas do jogo popular conhecido como “Trunfo” – com informações gerais sobre animais. Dessa forma, puderam perceber como a Arte pode participar e permear de forma ampla vários aspectos de um projeto.

Conhecer o trabalho do artista Rubens Matuck, que muito tem pesquisado e registrado o Brasil, favoreceu conhecer técnicas diferentes, tais como a aquarela, a tinta acrílica e o lápis pastel. Permitiu, também, trabalhar com o tridimensional ao confeccionar esculturas de animais. Os alunos puderam conhecer um período da arte brasileira e correlacionar os artistas modernistas e seus objetivos em retratar o Brasil com o trabalho do artista Rubens Matuck. Seu exemplo nos estimulou a conhecer um pouco mais do nosso país com suas belas paisagens e animais típicos. Esse contato, favoreceu também a aproximação com artistas que haviam registrado o Brasil com suas pinturas, tais como Tarsila do Amaral e Candido Portinari.

Fotografia 5 – Trabalhos de alunos sobre Rubens Matuck – 2010



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 6 – Ilustrações para o jogo Trunfo – 2010



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 7 – Trabalho de escultura com jornal – 2010



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 8 – Pintura aquarela – 2010



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 9 – Trabalho de escultura com jornal – 2010



Fonte: Amélia Carvalho.

Experiência 3 – Aprendendo a defender a natureza com o estudo da obra de Frans Krajcberg

Em 2007, o projeto transversal definido pela escola foi sobre o meio ambiente e, o artista escolhido pelos professores de Arte para abordar essa temática foi o artista Frans Krajcberg. Ativista ambiental, Krajcberg usava seu trabalho para denunciar as queimadas que destroem nossas florestas e para divulgar o desrespeito humano com o meio ambiente. Suas esculturas eram uma forma de mostrar o quanto era importante cuidar da natureza.

Frans Krajcberg usava, como matéria prima para suas obras, madeiras retiradas das florestas que sofreram queimadas. Ao usar a madeira calcinada, ele visava denunciar a importância da preservação das florestas brasileiras.

Dentro desse mesmo enfoque, a 3ª série do Ensino Fundamental, alunos de 9 anos, pesquisou, com a professora de Ciências, os diversos ecossistemas; dentre eles estava o manguezal. Foi encantador descobrir, através do trabalho de Krajcberg, a beleza do manguezal. O artista se encantou com as árvores de raízes externas ao chegar à cidade de Nova Viçosa, no litoral sul da Bahia.

Após a apresentação da vida do artista, sua trajetória e sua luta por preservar a natureza, pensamos em um trabalho que pudesse ter Krajcberg como referência. Percebemos que era possível unir o estudo de meio ambiente da 3ª série, que era sobre o lixo; com a proposta de Krajcberg.

A denúncia de Krajcberg, através de sua arte, com o descaso com o meio ambiente e, principalmente com o mangue, favoreceu que os alunos refletissem sobre formas, através da arte, para realizar essa tarefa. Despertar na comunidade, tal como fez Krajcberg, a consciência da importância do meio ambiente levou os alunos a pesquisarem sobre a situação do manguezal. Decidiram criar um mangue e o material utilizado deveria ser algo que se torna lixo diariamente em grande quantidade: o jornal. Cada aluno criou sua árvore e montamos um mangue.

Nesse estudo, aprendemos a importância de manter as florestas dos manguezais, pois, apesar de serem considerados sujos, o que não é realidade, eles são de inestimável valor para manter o equilíbrio do ecossistema local. Aprendemos sobre a forma de expressar de um artista na luta pelo nosso planeta e aprendemos sobre o tridimensional ao realizar esculturas de um manguezal.

Fotografia 10 – Criando como Krajcberg – 2007



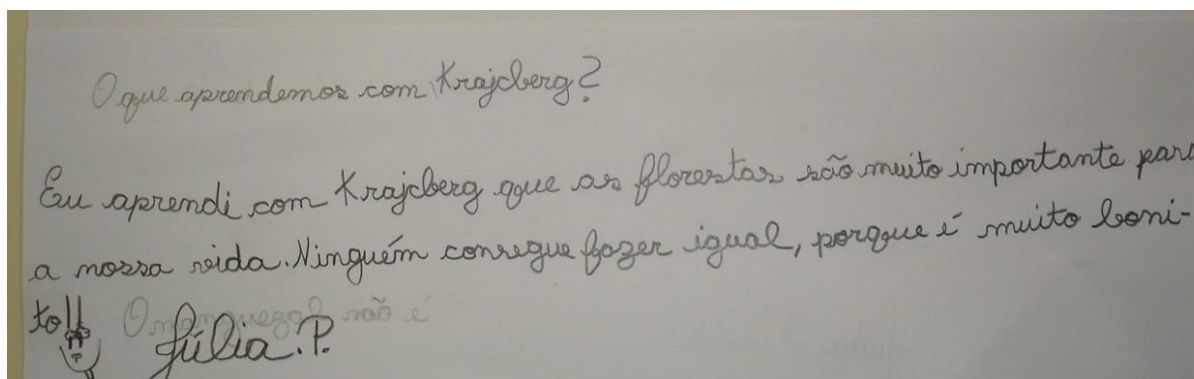
Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 11 – Confeccionando o mangue – 2007



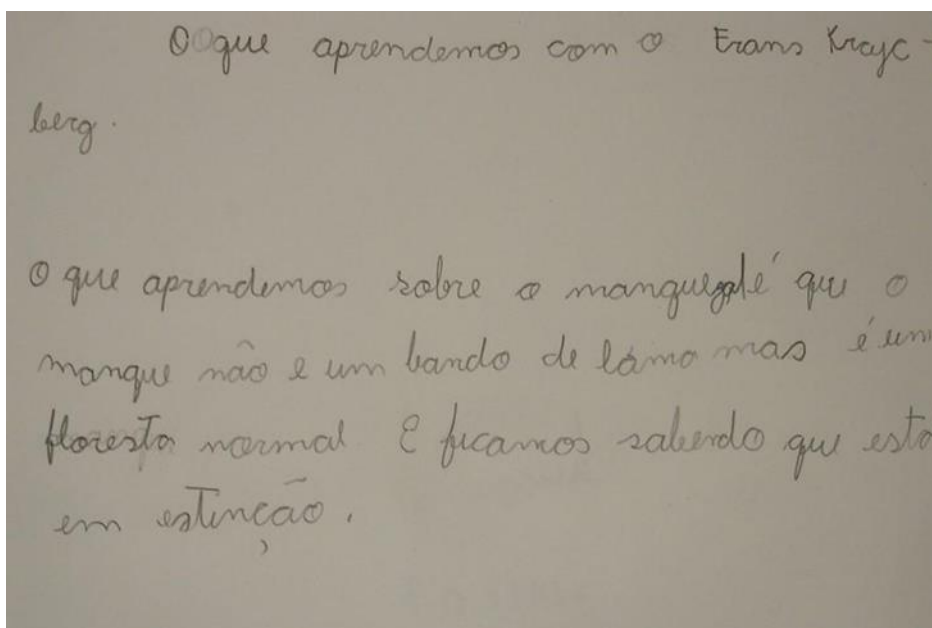
Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 12 – Impressões dos alunos – 2007



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 13 – Impressões dos alunos – 2007



Fonte: Amélia Carvalho.

Com a palavra, os alunos:

Eu aprendi que o manguezal não é só lama, mas é um conjunto de árvores e animais que formam o mangue. Krajcberg me mostrou que o manguezal vai muito além de uma floresta. Cecília.

Eu aprendi que as florestas são muito importantes e devemos preservá-las. Com esse trabalho de releitura, damos exemplo de reutilização de jornal. Marina A. (ALMANAQUE QUERER SABER, 2007, p. 84).

3 VISITAS A MUSEUS: CONHECENDO NOVOS ARTISTAS

Visitar museus dedicados às Artes Visuais era uma atividade, até poucos anos, restrita a uma pequena parcela da sociedade brasileira. Graças ao desconhecimento de grande parte da população brasileira a respeito da arte e dos objetivos dos museus esse era um espaço ignorado.

Não que o museu não atenda a todos, principalmente por ser antes de qualquer coisa para o público, mas a própria população, a grande massa, não tem conhecimento do que o museu pode oferecer; carregando sim a ideia de museu enquanto depósito de coisas velhas e que não despertam interesse (ANTOLINO, 2009, p.12).

Esse distanciamento se agravou até mesmo para a classe que tinha o hábito de frequentar museus com o surgimento da arte moderna. Essa arte causou muitas incompreensões para um público que estava acostumado com uma arte vinda da Europa, uma arte clássica.

A introdução da arte moderna no Novo Mundo, sempre feita de maneira espalhafatosa, despertando a reação dos conservadores que teimavam em aceitar somente aquilo que era *institucionalmente* consagrado como “boa arte” na Europa, tornou necessário um trabalho de convencimento junto ao público, feito especialmente pelo setor educacional dos museus (BARBOSA, 2014, p.93).

Além da falta de preparo por parte dos visitantes, também havia uma escassez de arte-educadores nos museus o que já é outra realidade nos dias de hoje. Na atualidade, estamos vendo uma ampliação de museus e espaços culturais e um preparo maior no atendimento ao público. Quando as exposições são montadas, já existe todo um preparo para receber o público de maneira geral e as escolas, em particular. Essas ações favoreceram muito o trabalho dos professores de Arte junto às crianças.

Visitas à museus propiciam aprendizagens de convívio social e cultural além daquelas mais específicas relacionadas diretamente ao artista (ou artistas) e o tema abordado pela exposição. Para muitos alunos, em especial aqueles que moram nas periferias ou em cidades e regiões distantes de grandes centros urbanos, essas aulas/visitas são de grande importância. Para muitas dessas crianças e jovens, centros culturais e/ou museus são espaços pouco conhecidos, frequentados e apropriados. Em minha experiência como professora de Arte, tanto de escola particular quanto da escola pública em Belo Horizonte, foi possível observar o quanto os alunos da escola particular se sentiam à vontade nos museus e espaços culturais. Já os alunos da escola pública muitas vezes, se ainda não

tenham ido a esses espaços, manifestaram sua surpresa e muitos disseram que voltariam com seus familiares.

Pode parecer banal, mas a forma como devem se comportar não faz parte do conhecimento de muitas crianças. Conversar sobre as restrições com alimentos dentro desses espaços, sobre quando podem ou não tirar fotos (e o porquê), sobre quando pode ou não tocar um objeto em exposição entre outros inúmeros comportamentos e regras sociais são de grande importância para uma experiência de cidadania favorecendo assim que sintam-se seguros dos ambientes onde frequentam.

Além de constituírem um espaço de exercício e convívio social, as visitas são primordialmente uma oportunidade de apreciar a materialidade de trabalhos de artistas e compreender através de um recorte curatorial, uma determinada trajetória criativa.

Alguns visitantes dizem ter despertado para arte depois de estarem com algum professor em excursão ao museu durante seus anos de estudo. O ingrediente básico artístico provém do próprio aluno, só que o professor ou o educador tem a importante tarefa de proporcionar uma atmosfera conducente às expressões de inventiva, de exploração e de realização. Em sua maioria, os professores também sentem-se (*sic*) despreparados para a visita no museu e necessitam do setor educativo como apoio a sua proposta de ensino. O professor, muitas vezes busca no setor educativo fundamentos para o incremento da capacidade dos alunos em experienciar arte (ANTOLINO, 2009, p.18).

Felizmente, Belo Horizonte tem ampliado paulatinamente seus museus e espaços culturais e seus setores educativos superado o atendimento aos alunos cada dia mais.

Athos Bulcão no CCBB

As visitas aos espaços culturais propiciam um sem números de trabalhos docentes, desde aqueles dedicados ao comportamento em espaços públicos até outros relativos à apropriação desses espaços em geral. Para a área de Artes Visuais, além desses aspectos, importa perceber as obras e o pensamento dos artistas ao criarem seus trabalhos. A compreensão desses aspectos ressalta o papel da Arte como área de conhecimento e possibilita ampliar suas formas de pensar e ver o mundo.

Em 2018, a visita a uma exposição do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de Belo Horizonte, propiciou a oportunidade de realizar com os alunos do

6º ano, 11 anos, de uma escola municipal de periferia um trabalho com um dos processos de criação do artista brasileiro Athos Bulcão. Pintor, escultor e desenhista Bulcão criou uma proposta muito interessante. Usando círculos vazados pintados em azulejos, Bulcão, ao passar para os operários responsáveis por aplicar os azulejos, dava somente uma orientação: não podia fechar o círculo. Apresentar esse percurso aos alunos exigiu de muitos um grande exercício mental. “Athos não acredita em inspiração. Para ele, o que existe é o talento e muito trabalho. ‘Arte é *cosa mentale*’, diz, citando Leonardo da Vinci.” (FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO, 2006).

Após a visita, foi proposto que os alunos fizessem um trabalho seguindo a proposta do círculo vazado do artista, apresentada na exposição. Foram entregues aos alunos vários moldes de círculos e papel colorido e, proposto a eles que fizessem círculos e partisse em quatro partes. Para realizarem a atividade tinha somente uma única restrição, seguindo a proposta original de Bulcão, foi a de não fechar o círculo. O resultado do trabalho foi surpreendente. Apesar do trabalho do artista ser abstrato, surgiram vários trabalhos figurativos, uma busca recorrente em alunos dessa faixa etária. Infelizmente não tenho registro desses trabalhos por ter perdido as fotos de meu celular, mas como no “Cadernos de Viagens” achei que seria uma prática interessante. A proposta do artista do círculo vazado é brilhante e com inúmeras possibilidades de resultados.

Fotografia 14 – Exposição Athos Bulcão – Centro Cultural Banco do Brasil – 2018



Fonte: MELLO, 2018.

Centro de Arte Popular Cemig

Realizar a visita ao Centro de Arte Popular Cemig permitiu refletir sobre a cultura de Minas Gerais, sobre o jeito mineiro de ser e possibilitou aos alunos conhecer um pouco mais sobre a diversidade de manifestações culturais de nosso estado. Foi também possível apresentar e trabalhar um novo conceito: o de artista autodidata ou primitivista.

Essa visita foi realizada com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular da região centro-sul de Belo Horizonte. Após a visita, foi proposto aos alunos a realização de um trabalho em argila, pois, juntamente com a madeira, a argila foi o material mais utilizado pelos artistas mineiros presentes na exposição visitada. Tendo como referência a cerâmica e os trabalhos das ceramistas da região do Vale do Jequitinhonha.

Fotografia 15 – Recordando a visita



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 16 – Confeccionando a flor



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 17 – Pintando a flor



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 18 – Trabalho final



Fonte: Amélia Carvalho.

Casa Fiat traz esculturas de Rodin – Ensino médio aprendendo com ele

A Casa Fiat trouxe à Belo Horizonte, no ano de 2009 uma exposição do importante escultor francês do final do Século XIX e início do Século XX, Auguste Rodin. Visitá-la propiciou muitas reflexões com alunos do Ensino Médio sobre as artes plásticas, sobre a fotografia como arte, a escultura e suas características.

O estabelecimento de uma relação entre as esculturas, os desenhos, as coleções, os arquivos e as bibliotecas de Rodin jogou uma nova luz sobre essa ampla produção fotográfica. Os raros registros fotográficos puderam ser decifrados não só em seu cruzamento com a carreira do escultor, mas também com a própria história da fotografia.

O processo complexo das ligações entre a fotografia e a escultura de Rodin, assim como a maneira pela qual uma se envolveu no desenvolvimento e na interpretação da outra, constituiu o tema da exposição organizada pelo Musée Rodin, em Paris, no final de 2007 e início de 2008.

À exposição parisiense, agora apresentada pela primeira vez fora da Europa e composta de 194 fotografias originais, realizadas entre 1877 e 1917, soma-se um conjunto de 22 esculturas de Rodin que possibilitam um diálogo desejado e permitem uma melhor compreensão do processo de criação do escultor e da maneira pela qual cada um dos fotógrafos captou esse processo (CASA FIAT DE CULTURA, 2009).

As atividades e trabalhos realizados, após a visita a exposição, possibilitaram aos alunos do Ensino Médio praticar e conhecer os desafios de modelar a figura humana na escultura. Os alunos experimentaram dois tipos de materiais para o trabalho de modelagem: a argila como um material maleável e, o sabão como um material um pouco mais duro. Eles puderam perceber que a argila, como material maleável, permite retirar e colocar sempre que quiserem, isto é, enquanto o material ainda está molhado. Já com o sabão isso não ocorre. Ao esculpirem no sabão os alunos puderam vivenciar as dificuldades de resistência, atenção, concentração e precisão necessárias para um trabalho realizado no mármore.

Fotografia 19 – Peças de argila – trabalhos de alunos – 2009



Fonte: Amélia Carvalho.

Fotografia 20 – Esculturas de sabão – trabalhos de alunos – 2009



Fonte: Amélia Carvalho.

4 APRENDENDO COM OUTRAS CULTURAS E SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Conhecer a cultura de outros povos fornece meios e materiais para que o aluno possa conhecer diferentes modos de vida e assim pensar o seu próprio meio e sua forma de viver. Temos a tendência de achar que a nossa forma de pensar, de agir é a única e a correta. Tomar contato com formas diferentes de viver amplia a capacidade de analisar e julgar as próprias atitudes e valores.

Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria. Em contraste, foi a própria Europa que, na construção do ideal modernista das artes, chamou a atenção para o alto valor das outras culturas do leste e do oeste, por meio da apreciação das gravuras japonesas e das esculturas africanas. Desta forma, os artistas modernos europeus foram os primeiros a criar uma justificação a favor do multiculturalismo, apesar de analisarem a "cultura" dos outros sob seus próprios cânones de valores. Somente no século vinte, os movimentos de descolonização e de liberação criaram a possibilidade política para que os povos que tinham sido dominados reconhecessem sua própria cultura e seus próprios valores (BARBOSA, 2020, p. 1).

Apresentar a cultura de outro povo envolve um exercício de construção a partir de vários olhares, sobre vários aspectos: a forma de viver, de pensar, sua estética, culinária etc.

Muitas vezes, as crianças carregam um conhecimento prévio sobre esse assunto e nem sempre é um conhecimento real. A conversa prévia para saber o que sabem sobre o assunto é muito importante, pois dessa conversa pode-se perceber os equívocos que muitas vezes carregam. Dependendo do que surge, pode-se trabalhar para desmitificar conceitos equivocados e descontextualizados a fim de promover o respeito a outros modos de ver o mundo.

Conhecendo a arte e a cultura indígena

Costumo iniciar um trabalho sobre uma cultura muito diferente e distante daquela em que vivemos exibindo um vídeo (documentário) que busque apresentar os modos de vida da forma o mais próximo da realidade, ou mesmo convidando um

especialista do assunto. Dessas rodas de conversas e/ou vídeos surgem reflexões sobre as formas de vida, suas vestimentas, sua culinária e seus desenhos.

Na turma do 7º ano de uma escola pública no ano de 2012, o trabalho foi sobre a cerâmica indígena. Esse tema trouxe inúmeras possibilidades de trabalho, mas duas foram muito do agrado das crianças e favoreceram muito o trabalho interdisciplinar.

A primeira foi o trabalho com a matéria. A argila aproxima a observação do aluno de tudo que é encontrado na natureza. Toda terra pode se transformar em uma espécie de barro, mas nem todos os tipos de barros são próprios para a produção de peças e/ou trabalhos artísticos. Para o reconhecimento e análise dos diferentes tipos de barros, terras e solos, pode-se fazer um estudo em conjunto com a área de Ciências.

A segunda diz respeito às reflexões sobre desde quando o homem faz uso do barro para construir coisas e a observação sobre quantas coisas ao nosso redor são feitas com argila. A partir dessa constatação e reconhecimento do que era feito e do que temos hoje é possível promover comparações e levantar discussões sobre como produzimos nossos utensílios. Os materiais que hoje são usados para produzir os objetos que usamos também são retirados da natureza? Como foram preparados para que os encontremos prontos nas lojas? Estabelecer um paralelo entre a forma como a cerâmica é feita industrialmente e a forma artesanal é um caminho rico de possibilidades.

No ensino de Artes Visuais, o trabalho de modelagem e produção de volumes com argila permite várias abordagens. Comparar peças cozidas e não cozidas e evidenciar que estas últimas se desmancham quando em contato com a água. Explicar que a argila, após a queima, transforma-se em outro material e que essa nova condição é conhecida como cerâmica. Refletir sobre a produção da cerâmica pela cultura indígena, propondo questões como: Quem é o responsável por confeccionar as peças? Como é o processo de feitura? Se o índio não tem uma loja onde comprar todo o material para a confecção das peças, como eles fazem? Tudo o que eles precisam, eles retiram da natureza? O conhecimento de questões como essas é importante para que o aluno perceba as diferenças nas formas de vida entre a nossa e a cultura indígena.

Fotografia 21 – Peças de argila – 2012



Fonte: Amélia Carvalho.

As pinturas e grafismos feitos sobre as peças de cerâmicas das culturas indígenas, abre o campo de estudos para outra manifestação, a pintura corporal. Nesse trabalho é possível vivenciar desde as fabricações de tintas até os traçados dos seus desenhos e as reflexões suscitadas pelas diferenças e semelhanças entre pintura corporal e a tatuagem. Tendo trabalhado inicialmente com a cerâmica é possível comparar aspectos como as formas de se produzir tintas para um e para outro: a tinta da cerâmica é mineral, ou seja, da própria terra; para a tinta utilizada na pintura corporal usam-se sementes, o que caracteriza sua origem como sendo vegetal.

Explicar que cada povo tem sua expressão artística, que no Brasil são inúmeros povos indígenas e que cada um apresenta uma expressão visual própria, um grafismo próprio e que esses grafismos são reproduzidos de diversas maneiras: na pintura corporal, na cestaria, na cerâmica etc.

Fotografia 22 – Lápis aquarela sobre pele – Trabalhos de alunos – 2012



Fonte: Amélia Carvalho.

Reavaliando conceitos com o povo aborígenes

“Não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte.”
(BARBOSA, 2020, p.2).

Conhecer e entender um pouco a respeito da arte dos povos aborígenes australianos foi o projeto da aula de Artes Visuais no ano de 2013 para os alunos do 7º ano de uma escola particular da região centro-sul de Belo Horizonte. O tema envolve muitos elementos e muitas questões para serem refletidas, trabalhadas e experimentadas.

Os aborígenes são os habitantes originários da Austrália e ilhas adjacentes. São considerados o povo mais antigo do planeta, mas hoje, depois de séculos de colonização inglesa, correspondem somente 1% da população Australiana. Os poucos que ainda resistem trouxeram de seus ancestrais o conceito de “Tempo dos Sonhos” e toda sua arte é baseada nessa concepção.

[...] Todos os aborígenes australianos compartilham um conceito: *Dreaming*, que podemos traduzir por “Tempo dos sonhos”. Trata-se de um universo mítico habitado por ancestrais, onde tudo o que existe foi criado: os humanos, os animais, as plantas, as formas, as cores, as músicas, os passos de dança e as normas de conduta (GOLDSTEIN, 2018, p. 136).

Os aborígenes são um povo que está intimamente ligado à natureza, colocando-se como parte dela. Procurar conhecer a forma de pensar do povo aborígene, sua forma de viver e sua arte propiciou aos alunos do 7º ano ampliarem sua maneira de ver o mundo e sua colocação nele. Conhecer a cultura de um povo

e sua forma de pensar se traduz ao final em respeito por essa cultura e pelas diferenças.

Mas a arte do povo aborígene e sua colocação mítica, em conjunto com as interferências dos brancos nessa arte, foi motivo de muitas reflexões. Os aborígenes produziam suas pinturas originalmente em suportes efêmeros. Com a influência do homem branco os suportes e as tintas passaram a ser industrializados. Para muitos aborígenes isso é considerado uma traição às tradições. Outro ponto de conflito diz respeito à ideia ocidental de autoria. Os aborígenes muitas vezes trabalham em conjunto onde todos de uma mesma família trabalham na pintura. Não existia para eles o conceito de autoria. Ainda nos dias de hoje isso é problemático.

O trabalho com a arte aborígene nos permitiu lançar um olhar para outra cultura e ao mesmo tempo lançar um novo olhar para a nossa própria cultura. Perceber a beleza da arte aborígene nos possibilitou penetrar um pouco na forma de pensar desse povo e com isso veio o respeito e a empatia. Refletir sobre questões, tais como: se a mudança de suporte implica em interferência ou alteração da arte produzida pelos aborígenes; sobre direito autoral e o que define esse direito autoral, diz de questões que também pertencem ao nosso tempo, lugar e contexto.

Fotografia 23 – Acrílica sobre papel panamá – Trabalhos de alunos da 7ª série – 2013



Fonte: Amélia Carvalho.

1.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho apresentou alguns exemplos dos esforços por mim realizados, na busca em atender às novas propostas contempladas nos parâmetros curriculares que se iniciavam na área de Artes.

A educação na atualidade está passando por rápidas transformações e, felizmente, a Arte e seu ensino não ficaram de fora. Essas mudanças trazem muitas possibilidades de atuação buscando inserir o aluno na sociedade atual através de seus diversos aspectos: sociais, econômicos, culturais e humanos.

Essas transformações no mundo exigem do professor que ele se reinvente, que também se transforme e busque novas formas de ensinar, adaptando-se e moldando-se diante desse novo cenário.

Depois de uma longa trajetória de transformações, as Artes Visuais são hoje reconhecidas como área de conhecimento. De um momento inicial, onde seu ensino aparentava uma falta de objetivos apresentando dificuldades para se instalar no ambiente escolar, as Artes Visuais se fortaleceram e se instalaram definitivamente como conhecimento importante e fundamental na educação e na formação humana.

Mas é preciso manter a atenção e o foco no sentido desse lugar conquistado. O ensino de Artes foi e, ainda é nos dias de hoje, desconsiderado ao ser colocado em funções que não lhe dizem respeito. Por essa razão, muitos professores se recusam a realizar trabalhos com outros professores, temendo que, no geral, considerem as aulas de Artes uma mera ilustração para o que está sendo trabalhado em outra disciplina. Contudo, como pudemos observar ao longo desta monografia, com uma visão clara do trabalho multidisciplinar não só é possível realizar trabalhos coletivos como a atividade pode revelar-se imensamente recompensadora para os alunos e professores envolvidos.

Outra transformação no ensino das Artes Visuais, nos últimos tempos, foi a ampliação da oferta e da possibilidade de realizar visitas a museus como atividade didática de ensino das Artes. Se anteriormente a ação de levar alunos para visitar museus tinha muitas vezes o objetivo de promover uma atividade de recreação, hoje, levar os alunos aos museus exige ações como, por exemplo, um encontro com a equipe de arte-educadores do museu ou espaço cultural para ter clara noção do trabalho que está sendo exposto e com o que os alunos irão ter contato. Isso permite

ao docente um preparo prévio e um acompanhamento posterior favorecendo um trabalho mais profundo e consciente.

A influência estética europeia que sofremos e que era apresentada nas escolas foi transformada com mais intensidade com a globalização, que impôs o contato com a cultura de outros povos, favorecendo e solicitando uma abordagem dessas culturas nas escolas e no ensino de Artes. Isso é imensamente importante, pois, além da estética única de cada cultura, esse contato permite ampliar a visão de mundo e ver formas diferentes de pensar e fazer as coisas. O ensino das Artes Visuais tem um campo enorme nessa vertente e uma liberdade muito grande quanto aos aspectos que podem ser tratados, mas também necessidade de muita delicadeza para mostrar outra cultura sem nenhum preconceito.

Como dito na introdução, um dos objetivos do ensino da Arte é valorizar as relações entre as pessoas e a integração entre o conhecimento e as experiências de vida. No ensino de Artes Visuais, isso é propiciado através de ações como: conhecer obras de arte, saber sobre a vida de alguns artistas, visitar exposições, conhecer formas diferentes de ver e pensar o mundo, fazer uso desse meio de expressão e aprender técnicas. Tem também a exigência do ensino da Arte Contemporânea com todas as novas tecnologias que exige e permite metodologias diversificadas. Penso que nas três vertentes apresentadas nesse trabalho conquista-se isso com muita facilidade.

Iniciei minha carreira como professora de Artes Visuais sem ver muito sentido em minha profissão. A função básica do professor era distribuir materiais, fazer os murais da escola ou decorar a mesma para alguma festa. Não que tenha algo errado fazer um mural ou decorar a escola. Desde que isso esteja relacionado com algo significativo para as crianças, que tenha sido um processo de aprendizagem. Foi muito bom acompanhar e aplicar as mudanças pelas quais o ensino das Artes Visuais passou nos últimos anos. Isso fez com que eu percebesse sentido naquilo que estava realizando. Ao selecionar atividades que favorecem os objetivos da área, ampliei as convicções sobre o meu trabalho e tive uma maior consciência da importância do ensino das Artes Visuais para a formação do ser humano. E ao realizar este trabalho muitas reavaliações das minhas práticas também surgiram. Foi possível verificar a pressa em definir um tema de estudo e/ou a ansiedade que permeia quase sempre a prática por chegar a um produto final.

Tem sido importante para mim, em minha prática atual, reavaliar minhas ações e realizar alterações para favorecer uma superação.

REFERÊNCIAS

- ALMANAQUE QUERER SABER. Belo Horizonte: Colégio Logosófico, 2007.
- ALMANAQUE QUERER SABER. Belo Horizonte: Colégio Logosófico, 2008.
- ANTOLINO, Alik Santos. **Arte-educação no museu**: um estudo dos setores educativos da pinacoteca e do museu de arte moderna de São Paulo. 2009.87 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/284072/1/Antolino_AlikSantos_M.pdf. Acesso em: 11 maio 2020.
- AUROCA, Carlos Augusto Cabral. **Arte na escola**: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental. São Paulo: Editora Anzol, 2012.
- AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.
- BARBOSA Ana Mae. **A imagem no ensino de arte**: anos 1980 e novos tempos. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Estudos, 126).
- BARBOSA Ana Mae. **Arte, educação e cultura**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- BARBOSA Ana Mae. **Arte-educação**: conflitos/acertos. 3. ed. São Paulo, Max Limoned, 1988.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudança no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2012.
- BASÍLIO, Ana; MOREIRA, Jéssica. Como os museus podem contribuir com a educação e ampliar o repertório cultural. **Jornal GGN**, [online], 13 jan. 2014. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/educacao/como-os-museus-podem-contribuir-com-a-educacao-e-ampliar-o-repertorio-cultural/>. Acesso em: abr. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.
- CASA FIAT DE CULTURA. **Rodin**: do ateliê ao museu. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.casafiat.com.br/?p=60>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERREIRA, Irama Sonary de Oliveira; OLIVEIRA, Livia Freire de. **Arte**: conceito, origem e função. Disponível em: <http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/241/teexto%205.pdf>. Acesso em: maio 2020.
- FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://www.fundathos.org.br/athos-bulcao>. Acesso em: 7 mar. 2020.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Pintura aborígine da Austrália: refletindo sobre as noções de arte, artista e autenticidade a partir de um contexto etnográfico específico. **Paralaxe**, São Paulo, v. 5, número especial 2018. p. 135-148.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MATUCK, Rubens. **Árvore amarela**. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/cotacao/pinturas/artista/Rubens%20Matuck%20/>. Acesso em: 30 maio 2020.

MATUCK, Rubens. **Caderno de viagem ao Parque Villa-Lobos**. Disponível em: <https://bvl.org.br/evento/exposicao-caderno-villa-lobos-2015-2017-rubens-matuck/2018-02-13/>. Acesso em: 30 maio 2020.

MATUCK, Rubens. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18856/rubens-matuck>. Acesso em: abr. 2020.

MELLO, Vicente de. **Divulgação exposição Athos Bulcão**. 11 abr. 2018.1 fotografia. Disponível em: <http://circuitoliberalidade.mg.gov.br/pt-br/noticias/207-a-obra-diversa-do-mestre-athos-bulcao-e-destaque-no-ccbb-bh-em-exposicao-com-300-obras-a-mostra-celebra-100-anos-do-artista-e-reune-trabalhos-ineditos-e-pecas-de-artistas-contemporaneos-influenciados-por-ele>. Acesso em: 29 maio 2020.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. *In*: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudança no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo, Cortez, 2012. cap. 7.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Editora Mediação, 2009. (Educação Arte, 2).